

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

Resiliência é encontrar forças para transformar dificuldades em perspectivas de ação [Resilience is finding the strengths to turn difficulties into action perspectives]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Avanci, Joviana
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-04 07:23:10
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/162071

Resiliência é encontrar forças para transformar dificuldades em perspectivas de ação

ENTREVISTA COM JOVIANA AVANCI

Pequenas atitudes, como acolher e escutar, ajudam a construir crianças e adolescentes resilientes, disse Joviana Quintes Avanci, psicóloga, em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line. Para ela, além da família, os profissionais da saúde e de educação são os maiores responsáveis por esse processo de auxílio aos jovens. Ela ressalta que a resiliência é uma capacidade “construída desde o nascimento e, se cuidada e bem desenvolvida, oferece proteção às crianças, adolescentes e adultos para lidarem com adversidades da vida”. No entanto, o grande desafio ainda é “mostrar e ajudar” esses jovens a “encontrar forças para transformar dificuldades em perspectivas de ação”, explica.

Joviana Quintes Avanci, pesquisadora da Fundação Oswaldo Cruz, possui graduação em Psicologia, pela Universidade Gama Filho, e mestrado em Saúde da Mulher e da Criança, pela Fundação Oswaldo Cruz. Tem experiência na área de Saúde Coletiva, com ênfase em Saúde Pública. Atua principalmente nos seguintes temas: adolescente, violência, problema de comportamento. Sobre os temas, ela publicou os livros Labirinto de Espelhos. A formação da auto-estima na infância e adolescência (Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004) e Resiliência. Enfatizando a proteção dos adolescentes (Porto Alegre: Atmed, 2006).

IHU On-Line - Os principais traumas das crianças estão interligados com as relações familiares?

Joviana Avanci - Quando estamos falando de crianças, o universo familiar é o palco onde os eventos podem se tornar mais traumáticos. No entanto, hoje em dia, a criança convive em outros ambientes que podem também acarretar traumas ao seu desenvolvimento, por exemplo, a violência vivida na comunidade onde reside. Portanto, cabe também à família oferecer proteção às crianças que vivenciaram eventos traumáticos fora da rede familiar através de apoio e afeto. Há várias linhas teóricas sobre trauma, mas o mais importante é o aspecto da subjetividade, como cada um pode viver um evento potencialmente estressor; como vive, elabora e pode

superá-lo. E há ainda aqueles eventos não tidos como estressores, mas que podem desencadear muito sofrimento.

IHU On-Line - A resiliência pode ser vista como um processo de proteção e defesa para crianças e adolescentes?

Joviana Avanci - Sim, a resiliência é uma capacidade que é construída desde o nascimento (possivelmente até antes) e, se cuidada e bem desenvolvida, oferece proteção às crianças, adolescentes e adultos para lidarem com adversidades da vida.

***IHU On-Line* - A partir de suas pesquisas, como a senhora percebe a atuação de crianças e adolescentes com situações difíceis e traumáticas da vida? Eles demoram a se tornarem resilientes?**

Joviana Avanci - Todos nós lidamos diariamente com situações difíceis de vida, desde o nascimento. A capacidade de resiliência independe dos eventos difíceis que as pessoas possam ter vivido. No nosso trabalho, identificamos apenas os seguintes eventos relacionados à capacidade de resiliência: a vivência de violência psicológica (humilhações, depreciações, são apenas algumas formas dessa forma de violência), o testemunho de agressão física entre os pais e relação sexual com eles. Esses eventos foram muito mais mencionados entre os jovens menos resilientes. No entanto, a resiliência está muito mais ligada à proteção que cerca a criança e o adolescente. Adolescentes que vivenciam muitas adversidades terão que contar com mais proteção, de ambiente e ligada às características pessoais, para lidarem com as situações difíceis.

***IHU On-Line* - Como ocorre o processo de resiliência na infância e na adolescência? Traumas, perdas ocasionados nessas fases da vida são mais difíceis de serem superados?**

Joviana Avanci - Essa pergunta não é nada simples. A resiliência é uma capacidade construída diariamente, desde a concepção da criança. O mais importante na construção da capacidade de resiliência é como a proteção é dada a uma criança e um adolescente, especialmente nos momentos difíceis, proteção através de afeto, compreensão e no fortalecimento das características pessoais. Quanto à segunda pergunta, há muitas teorias sobre essa questão: uns defendem que os traumas ocorridos na infância causam mais prejuízo, outros já não acreditam nisso. Eu penso que o mais importante é o que aconteceu antes, durante e depois que o trauma aconteceu. É a forma como os adultos ou

cuidadores lidam com os acontecimentos difíceis da vida que podem causar mais ou menos danos às crianças e adolescentes, mais do que os eventos em si.

***IHU On-Line* - De que maneira a resiliência ajuda a combater a violência? Como desenvolver a resiliência na sociedade?**

Joviana Avanci - A resiliência é um instrumento importante porque enfoca o aspecto da saúde do indivíduo, fortalecendo o que cada um tem de positivo. O enfoque é na proteção e não no risco. Essa abordagem pode ser muito útil a programas de prevenção e atendimento à população infanto-juvenil. Além disso, a resiliência pode ser pensada não apenas no aspecto individual, mas também institucional e ao nível da comunidade.

***IHU On-Line* - É possível aplicar o processo de resiliência nos atendimentos cotidianos, em hospitais públicos? De que maneira?**

Joviana Avanci - Claro que sim. Primeiramente, é preciso que o profissional tenha em mente que seu paciente tem um potencial de superação de dificuldades, que pode estar mais ou menos desenvolvido. Isso independe de ser rico ou pobre. É preciso desenraizar representações negativas, principalmente às famílias em situações de maior risco e vulnerabilidade. Além disso, a resiliência pode ser promovida através de apoio, expresso de várias formas, na superação dos problemas.

***IHU On-Line* - O que ainda pode ser realizado nessa área? Em que medida os profissionais da saúde podem ajudar crianças e adolescentes a superar dificuldades?**

Joviana Avanci - Há muito o que fazer e descobrir ainda. Pesquisas sobre resiliência no Brasil ainda são muito incipientes, especialmente sobre a efetividade do estímulo dessa capacidade em programas de prevenção e atendimento. Os profissionais de saúde, e incluso os de

educação, são, juntamente com a família, os maiores responsáveis na construção de resiliência em crianças e adolescentes. Muitas são as estratégias que podem ser utilizadas. Cito apenas a capacidade de acolher e escutar como passo importante na promoção da saúde. O desafio é mostrar e ajudar a criança e o adolescente que viveu uma adversidade a encontrar forças para transformar dificuldades em perspectivas de ação.

IHU On-Line - O que a Saúde Coletiva, constituída nos limites biológicos e sociais, pode fazer para melhorar e

estimular a capacidade e sensibilidade dos profissionais da área a incorporarem a resiliência no sistema de saúde?

Joviana Avanci - A área da saúde tem dado espaço a esse enfoque de promoção da saúde, na ênfase dos aspectos positivos do indivíduo. Mas há muito o que fazer, pois a área da saúde está mais acostumada a lidar com a doença e o risco. (A **IHU On-Line** produziu uma edição especial abordando o tema. A edição 233, de 27-08-2007, intitulada *Saúde Coletiva. Uma proposta integral e transdisciplinar de cuidado*, pode ser conferida no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu). (Nota da **IHU On-Line**)

“Todos aceitam o fenômeno da resiliência”

ENTREVISTA COM MICHAEL RUTTER

Para o psiquiatra britânico Michael Rutter, um dos pioneiros no estudo da resiliência no mundo, “as pessoas podem ser resilientes com relação a algumas experiências, mas não resilientes em relação a outras. Acredito que existam algumas situações que sejam tão profundamente danosas que uma grande maioria dos indivíduos sejam adversamente afetados. Não obstante, mesmo com as piores experiências, há variação individual e, daí, uma graduação de resiliência não está fora de questão”. Ele fez essa e outras afirmações em entrevista concedida por e-mail para a IHU On-Line. Rutter é professor de Psiquiatria Infantil no Instituto de Psiquiatria da Universidade de Londres. A pesquisa do professor, uma autoridade internacional em desenvolvimento infantil e psiquiatria infantil, rendeu a ele numerosos prêmios, incluindo o prêmio de eminente Contribuição Científica da Associação Americana de Psicologia.



IHU On-Line - O que significou, para o senhor, a descoberta de um paradigma tão diferente (resiliência), que quebra a lei do trauma (teoria de Freud)? O que significa hoje esse novo paradigma?

Michael Rutter - Minha opinião é que, apesar de a teoria psicanalítica ser de importância histórica considerável, provou-se equivocada em muitas

especificidades, particularmente com relação ao desenvolvimento, que não é mais um guia útil para a compreensão.

IHU On-Line - A resiliência encontra aceitação na academia? Como ela se articula e se relaciona com o estudo das situações traumáticas e com a psicanálise?